

MORAR MODERNO: DOIS CASOS EM CURITIBA

MODERN LIVING: TWO CASES IN CURITIBA

VIVIR MODERNO: DOS CASOS EN CURITIBA

GIOVANNA POLONIO RENZETTI

Doutoranda, UPM – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.

gprenzetti@gmail.com, apoio CAPES-PROEX

<https://orcid.org/0000-0001-7353-4132>



RUTH VERDE ZEIN (*in memoriam*)

Professora Doutora, UPM – PPGAU

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-0923-4914>



CRedit

Contribuição de autoria - RENZETTI, Giovanna Polonio: Concepção do estudo, levantamento de dados, rascunho e redação. ZEIN, Ruth Verde: Concepção do estudo, rascunho, metodologia, supervisão e revisão.

Conflitos de Interesse - Os autores certifi cam que não há conflito de interesses.

Financiamento - Este trabalho recebeu financiamento do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX), fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Aprovação de ética - Os autores certifi cam que não houve necessidade de aprovação de Comitê de Ética.

Uso de I.A. - Os autores certifi cam que não houve uso de ferramentas de Inteligência Artificial na elaboração deste trabalho.

Editores responsáveis - Luciana Saboia F. Cruz (Editora); Marcos Cereto (Editor); Patrícia Pereira Martins (Editora); Suelen Camerin (Editora); Marcela Chagas (Assistente Editorial); Luiza Ceruti (Assistente Editorial); Paola De Luca (Assistente Editorial).

RESUMO

Este artigo propõe realizar uma abordagem teórico-contextual envolvendo as modificações arquitetônicas, de interiores e práticas domésticas acerca da arquitetura residencial unifamiliar curitibana, tendo como base o estudo de duas residências modernas de diferentes épocas: a Casa Ayrton e Cleuza Cornelsen (1949), do arquiteto Ayrton (Lolô) Cornelsen, publicada na revista A Divulgação (PR) em 1953, de circulação local, e a casa Guido Weber (1965) do escritório Forte Gandolfi, publicada no periódico especializado Casa e Jardim, no ano de 1972, de distribuição nacional, a partir de revisão conceitual sobre as novas formas de morar advindas com a modernidade, analisando possíveis aproximações e distanciamentos entre os projetos e as diferentes narrativas de dois periódicos com finalidades distintas e localidades geográficas diferentes.

PALAVRAS-CHAVE: modernidade; casa moderna; morar moderno; revistas de época

ABSTRACT

This article proposes a theoretical-contextual approach covering architectural modifications, interior design, and domestic practices in regard to single-family

residential architecture in Curitiba, based on the study of two modern residences from different periods: the Ayrton and Cleuza Cornelsen House (1949), by architect Ayrton (Lolô) Cornelsen, published in the local magazine A Divulgação (PR) in 1953, and the Guido Weber House (1965) by the Forte Gandolfi firm, published in the specialized periodical Casa e Jardim in 1972, with national distribution, based on a conceptual review of the new ways of living that came with modernity, analyzing possible similarities and differences between the projects and the different narratives of two periodicals with distinctive purposes and different geographical locations.

KEYWORDS: modernity; modern house; modern living; periodical magazines

RESUMEN

Este artículo propone realizar un enfoque teórico-contextual que abarque las modificaciones arquitectónicas, de interiores y prácticas domésticas en torno a la arquitectura residencial unifamiliar de Curitiba, basándose en el estudio de dos residencias modernas de diferentes épocas: la Casa Ayrton y Cleuza Cornelsen (1949), del arquitecto Ayrton (Lolô) Cornelsen, publicada en la revista A Divulgação (PR), en 1953, de circulación local, y la casa Guido Weber (1965), del estudio Forte Gandolfi, publicada en la revista especializada Casa & Jardim, en el año 1972, de distribución nacional, a partir de una revisión conceptual sobre las nuevas formas de habitar surgidas con la modernidad, analizando posibles aproximaciones y distancias entre los proyectos y las diferentes narrativas de dos periódicos con fines distintos y ubicaciones geográficas diferentes.

PALABRAS-CLAVE: modernidade; casa moderna; vivir moderno; revista de época

INTRODUÇÃO

A partir do estudo de algumas residências curitibanas projetadas entre as décadas de 1940 e 1970, seus projetos arquitetônicos e interiores domésticos, o artigo irá analisar dois exemplares, focando nas mudanças contextuais, projetuais e no modo de morar da sociedade curitibana de classe média/alta, observando possíveis aproximações e distanciamentos entre os projetos escolhidos, sendo um do final dos anos 1940 e outro da década de 1960. Ambos os projetos foram divulgados em revistas impressas – com circulação, finalidade e em épocas distintas. A residência Ayrton e Cleuza Cornelsen (1949) foi publicada na revista de circulação local curitibana “A Divulgação (PR)”, no ano de 1953 – periódico com reportagens sobre estilo de vida, moda, decoração, novidades e *lifestyle*, que funcionava como vetor de disseminação dos preceitos da vida moderna, estampando em suas páginas o que havia de mais moderno. Em contrapartida, a casa Guido Weber (1965), do escritório Forte Gandolfi formado pelos arquitetos Luiz Forte Netto e os irmãos José Maria e Roberto Gandolfi, foi tema de reportagem da revista nacional especializada em assuntos sobre arquitetura, construção e design Casa & Jardim, no ano de 1972. Os dois projetos podem ser lidos a partir do cenário de mudanças sociais e econômicas pelo qual a capital paranaense passava, respectivamente. Apesar do intervalo temporal de um pouco mais de 15 anos entre os dois, é possível observar essas mudanças nas práticas adotadas pelos arquitetos, não só em termos construtivos e formais, mas, particularmente, em seus interiores, para atender às demandas, contextos, particularidades e necessidades de seus clientes.

QUESTÕES CONTEXTUAIS

Os autores Carlos Lemos e Beatriz Colomina abordam em seus textos o tema da domesticidade e das novas formas de morar, a partir de diferentes localidades geográficas e abordagens filosóficas e conceituais distintas. Lemos (2017) indaga sobre as sobreposições das funções básicas de uma moradia, como comer, dormir, repousar e trabalhar, verificando que a especialização dos espaços em zonas – íntima, de serviço e de estar – podem se dissolver ao longo do tempo, a partir do surgimento e disseminação de novas tecnologias e mudanças que impactam a configuração dos arranjos das plantas e refletem os modos de morar de seus usuários, adaptando-se às rotinas do grupo familiar. Lemos (2017) e Colomina (2023), ainda argumentam que as transformações industriais, políticas, sociais e econômicas da sociedade — sobretudo na primeira metade do século XX — contribuíram para a reconfiguração dos arranjos interiores das residências, que passaram a se adaptar progressivamente às novas necessidades e demandas da modernidade. Nesse contexto, a compreensão dos vínculos entre a estrutura do pensamento vigente na vida urbana da capital e sua produção artística - ou visão de mundo — são ferramentas indispensáveis na compreensão das produções artísticas e arquitetônicas, bem como nas práticas humanas. Juntamente com as questões de domesticidade, podem ajudar na compreensão das transformações e novas formas de morar que podem ser observadas ao reler

algumas residências modernas curitibanas, o que será feito a seguir, conectando-se ambos os temas – conceitual e projetual – nas conclusões do artigo.

RESIDÊNCIA AYRTON E CLEUSA CORNELSEN

O projeto da casa de Ayrton e Cleusa Cornelsen, de autoria do arquiteto Ayrton “Lolô” Cornelsen, foi publicado na revista “A Divulgação (PR)” (1953), sob o título “Um exemplo de arquitetura funcional”, que destaca os “mais belos interiores da capital”. A casa do arquiteto projetada para sua família gerou diversos comentários à época, inclusive por ser material de destaque em periódico popular na cidade, apresentando suas fachadas livres, cobertura plana, estrutura em concreto, diferenciando-se da grande maioria das residências dos anos 1940-50 que formavam a paisagem curitibana. Por esse motivo, Lolô ficou conhecido como um “precursor” das ideias modernas que chegariam à cidade com os arquitetos forenses, anunciando os ideais de modernidade em arquitetura e estilo de vida.

Figura 1: Reportagem Casa Cornelsen Revista “A Divulgação (PR)”, 1953.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Com uma trajetória pessoal e profissional marcada por instabilidades, Cornelsen apropriou-se dos princípios da arquitetura moderna difundidos por Le Corbusier, com os quais tomou contato por meio da leitura de uma obra do

mestre francês, recebida como presente do urbanista Alfred Agache durante sua visita à Curitiba, em 1943. Sua residência constitui um testemunho desse vínculo intelectual, evidenciado pelo tratamento da luz natural nos espaços internos, pela adoção dos pilotis e pela aplicação da planta livre corbusiana, além do emprego de formas curvas — até então inéditas no contexto arquitetônico curitibano e raramente observadas, nas décadas subsequentes, em residências unifamiliares, particularidades que são destaque no texto da matéria, que “faz gosto” em apresentar uma casa com características que emprega “ideias novas e revolucionárias” do arquiteto francês, na crescente capital paranaense (A Divulgação (PR), 1953).

Figura 2: Fachada Casa Cornelsen.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

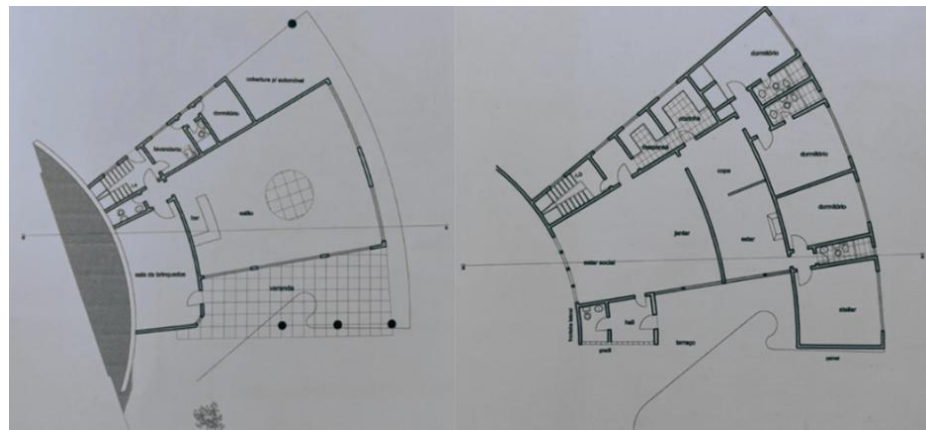
O projeto, como comentado, era diferente de tudo o que se via em Curitiba na época. Localizava-se nos fundos do terreno, e a vegetação, ou o “mato” – incômodo para a elite local – foi extremamente valorizado pelo arquiteto, funcionando como uma extensão da casa para o exterior e também no controle da temperatura interna (DUDEQUE, 2001). Vale ressaltar que, durante a década de 1940, a amplitude térmica da capital paranaense atingia temperaturas negativas nos invernos e ultrapassava os 35°C nos meses mais quentes. A solução de Lolô foi projetar e construir a casa seguindo a incidência do sol, definindo um ponto onde todas as paredes da casa convergem do movimento paralelo do sol perto do solstício de inverno (25°C S), criando uma planta em forma de leque.

Para além da sua localização pouco convencional no fundo da propriedade, o acesso principal se dava a partir do nível da rua e de um caminho curvo que conduzia à garagem do piso inferior. No pavimento térreo foram localizadas as áreas íntimas (quartos e *atelier* do arquiteto), área social, de jantar e estar, cozinha e copa. O restante dos ambientes sociais foi destinado ao pavimento

inferior, no qual foi projetado um amplo espaço de salão de baile, com bar integrado a uma grande varanda por painéis de vidro. Os ambientes de serviço, como lavanderia e dormitório para empregados, foram distribuídos na lateral do piso inferior, sendo conectados por uma escada com o piso térreo.

O texto da matéria tem como enfoque principal os interiores da casa, apresentando três imagens de seus ambientes internos e apenas uma fotografia externa, a qual enfatiza o guarda-corpo curvilíneo e o painel cerâmico abstrato da fachada. A revista procurou chamar a atenção de seus leitores para as novidades de uma rotina moderna, coroada por um projeto que lhe fazia jus: os novos tempos que se anunciavam e que tinham finalmente chegado, destacando, entre outros "a sala de jantar, destituída de ornamentos inúteis, e mais adiante o 'living' que conta, entre seus móveis, com uma cadeira premiada na Bienal de São Paulo [1951]" (A Divulgação (PR), 1953, p.35). O princípio do desenho do mobiliário foram linhas limpas e funcionalidade em primeiro lugar, atrelada ao conforto do usuário – enfatizado na sala de estar com poltronas largas e costuradas à mão.

Figura 3: Planta pavimento térreo e inferior residência Cornelisen



Fonte: Dudeque (2001, p. 151 e152).

RESIDÊNCIA GUIDO WEBER

O projeto da residência Guido Weber faz parte da cartela de projetos encomendados pela clientela curitibana na década de 1960 ao escritório Forte Gandolfi (1962-1973), em um momento no qual as características estéticas da arquitetura moderna já ganhavam abertura entre àqueles que queriam fazer parte da anunciação dos tempos modernos, tornando-se destaque na revista carioca Casa & Jardim, Com título "O jardim está presente no interior"ⁱⁱ, a matéria publicada no ano de 1972, dá destaque aos ambientes internos da residência, permitindo uma leitura mais ampla dos seus aspectos de domesticidade.

Figura 4: Reportagem Casa Guido Weber Revista Casa & Jardim

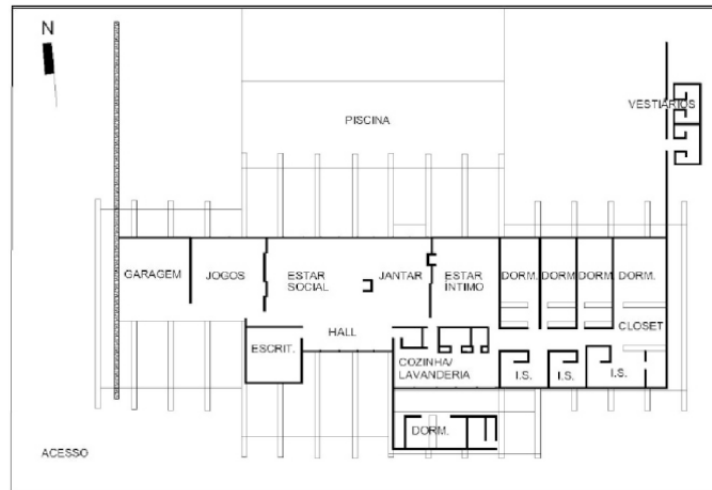


Fonte: Revista Casa & Jardim, 1972.

Construída no ano de 1965 em concreto armado, a casa Guido Weber tem todo seu programa organizado em um único pavimento, sem a presença de meio nível. Com um terreno de 4000m² em formato retangular, o volume de 1000m² foi locado no meio do lote, afastado das divisas e apresentando uma maior aproximação à fachada sul. Implantada longitudinalmente ao lote, o projeto se configura como um retângulo esbelto de 44mx65m que se estende pelo terreno, dando origem a uma fachada voltada para o oeste, que é cega e formada por um muro de pedra bruta. As laterais (norte e sul), recebem grandes aberturas envidraçadas e são protegidas pelos prolongamentos das vigas além dos limites das empenas, em ambas as faces.

O programa foi distribuído com base no aproveitamento da orientação solar de cada face da construção. Sendo assim, o setor íntimo e social foi organizado ao longo da fachada da construção voltada para a divisa norte, onde estão a garagem, sala de jogos e um escritório, que funciona como espaço de transição entre o acesso da casa e a área íntima. O acesso de veículos e de pedestres é realizado pela fachada lateral, voltada para o sul, e os ambientes de estar e jantar foram localizados em seu centro, abrindo-se para o exterior por meio de grandes panos de vidro, com vista para a piscina e o jardim, onde formam-se duas varandas semicobertas pela extensão das vigas de cobertura, enfatizando o título da matéria – “a casa foi projetada quase que exclusivamente em termos tropicais, entrosando a natureza na construção, criando grandes espaços [...] e a entrada da vegetação para dentro” (Casa & Jardim, 1972, p. 26). Por esse motivo, a casa aparece solta no terreno, de modo a formar áreas livres em todas suas faces.

Figura 5: Planta pavimento térreo e inferior residência Cornelsen



Fonte: Dudeque (2001, p. 151 e152).

Os ambientes íntimos se localizam ao norte do terreno, também protegidos do sol em excesso pela extensão das vigas, as quais formam um tipo de pérgola. Outro recurso projetual utilizado foram as aberturas zenitais em toda a extensão da área íntima. Tanto as áreas de estar quanto os dormitórios apresentam grandes aberturas envidraçadas para a área externa, de modo que o jardim é presente em casa ambiente, tornando-se parte integrada da construção. As áreas de apoio como cozinha, lavanderia e instalações sanitárias são voltadas para a face sul, e a suíte de serviço se destaca do volume principal da casa - todo o programa é organizado em uma volumetria única e homogênea, com exceção do escritório e do dormitório de serviço.

Figura 6: Fachada posterior Casa Guido Weber



Fonte: Revista Casa & Jardim, 1972.

Anunciando os novos modos de morar da modernidade vigente, não apenas em linguagem arquitetônica e decorativa, o texto da revista destaca os dispositivos tecnológicos empregados na residência – ainda pouco comum à época – coroando o projeto da construção moderna e seu acabamento minimalista, com seus pisos cobertos por madeira de Cabreúva e grandes aberturas em vidro:

Há também um circuito de música que atende toda a casa, assim como intercomunicadores à viva voz e o portão da rua e vários pontos do interior [...] o jardim possui irrigação automática com alguns aspersores estrategicamente distribuídos. Os portões da casa e da garagem (estes de correr) têm comando elétrico e eletrônico com transmissor de instalado no carro (Casa & Jardim, Vol. 2028, maio de 1972, p. 21-25).

Os pisos da área social são cobertos por tábuas de Cabreúva e os forros dos dormitórios revestidos por madeira pau-óleo, além das cerâmicas desenvolvidas pelos próprios arquitetos que revestem parte da cozinha e a área de serviço.

AS DEMANDAS DA ARQUITETURA MODERNA

Apesar dos anos que separam os projetos, se comparados através da óptica não só arquitetônica, mas, sobretudo, da domesticidade, é possível estabelecê-los quase como contemporâneos. Lolô Cornelsen foi pioneiro na capital paranaense na produção da arquitetura moderna, e esse marco fica claro no projeto da residência destinada para sua família. Para além da planta projetada com o intuito de atender suas necessidades particulares e às demandas dos novos tempos, ainda nos anos 1940, o arquiteto se atentou aos detalhes do arranjo interno da casa como um todo, podendo ser destacado o mobiliário moderno com predileção por poltronas largas e confortáveis, a integração dos espaços sociais e o uso do próprio mobiliário como divisórias flexíveis, por exemplo. O estilo inglês da sala de estar foi inovador, pois a grande maioria da sociedade curitibana permanecia fiel ao tradicional mobiliário francês, que se prendia às regras do luxo e da tradição das salas de estar.

Os arquitetos do escritório Forte Gandolfi, por sua vez, trouxeram inovações que estavam ao seu alcance, como a estrutura em concreto armado e a prolongação das vigas para além das empenas da casa, o que possibilitou a comunicação entre os jardins e os ambientes internos da residência. Anos antes da residência Weber, na qual os arquitetos Forte Neto e os irmãos José Maria e Roberto Gandolfi desenvolveram as cerâmicas que revestiram alguns ambientes da casa, Castro (2016, p. 6) destaca que: “esta linguagem bastante inusitada até então na cidade traz identidade própria aos edifícios indicando a criação de uma tipologia inédita que resgata a tradição do ornamento na superfície da caixa arquitetônica”. Lembrando que o arquiteto Lolô desenhou as esquadrias em madeira da casa Cornelsen, remetendo a ideia da casa como obra de arte total.

CONCLUSÕES

É possível observar mudanças nas áreas de convívio tanto da residência Cornelsen quanto da Weber. Apesar do período de quase quinze anos entre os projetos, os ambientes de estar aparecem integrados a outros usos, e não só com o jantar. Eles também se comunicam com o espaço exterior, por meio de aberturas para a varanda e terraço, anunciando os preceitos da vida moderna e ajustando-se às necessidades da família. Como bem explicou Lemos (2017), as instalações sanitárias se encontram isoladas, porém já há uma maior liberdade e integração da cozinha, ainda que de forma tímida.

As residências abordadas nesse estudo ainda apresentam ambientes de trabalho bem definidos, como é o caso do espaço destinado ao ateliê do arquiteto Lolô, localizado no pavimento térreo. Não obstante, esse espaço se localiza de frente ao quarto de seu usuário, reforçando a proximidade entre descanso e trabalho. Na residência Guido Weber, por outro lado, há uma maior hierarquização do ambiente destinado ao escritório, localizado na

extremidade oposta ao setor íntimo da casa. Esse fato pode ser explicado com base na ideia de Lemos (2017) de que a sobreposição das funções da casa estava mais suscetível às camadas da classe popular e média.

Ambos os projetos atenderam às exigências tecnológicas e ao chamado da modernidade de sua época. As premissas do morar moderno continuaram em constante transformação na cidade de Curitiba e ao redor do globo entre as décadas de 1940 e 1960 e além, cabendo aos arquitetos, juntamente com os usuários dos espaços, o constante desvendamento dos novos modos de morar.

AGRADECIMENTOS

À eterna professora Ruth, com quem escrevi este texto, com carinho e saudades.

À CAPES-PROEX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A DIVULGAÇÃO. **Um exemplo da Arquitetura Funcional**. Curitiba: Graficart, 11/1953, p. 34-35.

CARVALHO, Vânia Carneiro. **Gênero e Artefato: O Sistema doméstico na perspectiva da cultura material**. São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2020.

CASA & JARDIM. **O jardim está presente no interior**. Rio de Janeiro: FC Editora, vol., 208, maio, 1972, p. 21-26.

CASTRO, Cleuza. Ornamento sem delito: a plasticidade das superfícies de concreto armado na arquitetura brutalista curitibana. In: 10 Seminário DOCOMOMO Brasil, 15 a 18 de outubro, 2013, Curitiba. **Anais**. Curitiba: PUC-PR, 2013.

COLOMINA, Beatriz. **Arquitetura, sexualidade e mídia**. Marian Rosa van Bodegraven (trad. /org.) e Marianna Boghosian Al Assal (org.) **Arquitetura, sexualidade e mídia**. São Paulo: Escola da Cidade / WMF Martins Fontes, 2023.

LEMOS, Carlos. "Nos processos de domesticidade, a superposição de práticas cotidianas no mesmo espaço arquitetônico". In: BRITO, Flavia; MELLO, Joana; LIRA, José; RUBINO, Silvana (Orgs). **Domesticidade, gênero e cultura material**. São Paulo: Edusp, 2017, p. 241-250.

DUDEQUE, Irã T. **Espirais de Madeira. Uma História da Arquitetura de Curitiba**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

SANTOS, Michelle Schneider. **A arquitetura do escritório Forte Gandolfi 1962-1973**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 3. Ed., 1. reimp. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

NOTAS

¹ DIVULGAÇÃO. Um exemplo da Arquitetura Funcional. Curitiba: Grficart, 11/1953, p. 34-35.

² CASA & JARDIM. O jardim está presente no interior. Rio de Janeiro: FC Editora, vol., 208, maio, 1972, p. 21-26.